

AMOR DE PERDIÇÃO

CAMILO CASTELO BRANCO

 CLÁSSICOS
SARAIVA

 Editora
Saraiva



AMOR DE PERDIÇÃO

MEMÓRIAS DUMA FAMÍLIA

CAMILO CASTELO BRANCO



CLÁSSICOS
SARAIVA

AMOR DE PERDIÇÃO

MEMÓRIAS DUMA FAMÍLIA

CAMILO CASTELO BRANCO



Prêmio internacional HOW Design Annual — 2010
para as capas da coleção. *HOW Magazine* é
uma renomada revista americana de design gráfico.

Prêmio internacional AIGA 50 Books/50 Covers — 2008
para o projeto gráfico da coleção pelo
American Institute of Graphic Arts (AIGA).

1ª edição

Conforme a nova ortografia



Gerente editorial
Rogério Gastaldo

Coordenação editorial e de produção
Edições Jogo de Amarelinha

Editora-assistente
Solange Mingorance

Projeto gráfico, capa e edição de arte
Rex Design

Ilustração da capa
Carvall

Diagramação
Rex Design

Cotejo de originais
Miriam de Carvalho Abões

Revisão
Denise Dognini e Penelope Brito

Elaboração *Diários de um Clássico, Contextualização Histórica e Suplemento de Atividades*
Claudio Blanc

Elaboração *Entrevista Imaginária e Projeto Leitura e Didatização*
Davi Fazzolari

Impressão e acabamento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Castelo Branco, Camilo 1825-1890.
Amor de perdição: memórias duma família/ Camilo Castelo Branco. -- 1.ª ed.
São Paulo : Saraiva, 2009. -- (Clássicos Saraiva)

Suplementado por caderno de atividades

ISBN 978-85-02-07937-3

1. Romance português I. Título. II. Série.
09-05722

CDD-869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura portuguesa 869.3

© Editora Saraiva, 2009
SARAIVA Educação S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
www.editorasaraiva.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.
5ª tiragem, 2017

Visite o *site* dos Clássicos Saraiva:
www.editorasaraiva.com.br/classicossaraiva

CL: 810009
CAE: 578634

Caro leitor,

Durante todo o Ensino Fundamental, o estudante terá percorrido oito ou nove anos de leitura de textos variados. Ao chegar ao Ensino Médio, ele passa a ter contato com o estudo sistematizado de Literatura Brasileira. Nesse sentido, aprende a situar autores e obras na linha do tempo, a identificar a estética literária a que pertencem etc. Mas não passa, necessariamente, a ler mais.

É tempo de repensar esse caminho. É hora de propor novos rumos à leitura e à forma como se lê. Os **CLÁSSICOS SARAIVA** pretendem oferecer ao estudante e ao professor uma gama de opções de leitura que proporcione um modo de organizar o trabalho de formação de leitores competentes, de consolidação de hábitos de leitura, e também de preparação para o vestibular e para a vida adulta. Apresentando obras clássicas da literatura brasileira, portuguesa e universal, oferecemos a possibilidade de estabelecer um diálogo entre autores, entre obras, entre estilos, entre tempos diferentes.

Afinal, por que não promover diálogos internos na literatura e também com outras artes e linguagens? Veja o que nos diz o professor William Cereja: “A literatura é um fenômeno artístico e cultural vivo, dinâmico, complexo, que não caminha de forma linear e isolada. Os diálogos que ocorrem em seu interior transcendem fronteiras geográficas e linguísticas. Ora, se o percurso da própria literatura está cheio de rupturas, retomadas e saltos, por que o professor, prendendo-se à rigidez da cronologia histórica, deveria engessá-la?”

Esperamos oferecer ao jovem leitor e ao público em geral um panorama de obras de leitura fundamental para a formação de um cidadão consciente e bem-preparado para o mundo do século XXI. Para tanto, além da seleção de textos de grande valor da literatura brasileira, portuguesa e universal, os **CLÁSSICOS SARAIVA** apresentam, ao final de cada livro, os **DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO** – um panorama do autor, de sua obra, de sua linguagem e estilo, do mundo em que viveu e muito mais. Além disso, oferecemos um painel de textos para a **CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA** – contextos históricos, sociais e culturais relacionados ao período literário em que a obra floresceu. Por fim, oferecemos uma **ENTREVISTA IMAGINÁRIA** com o Autor – uma conversa fictícia com o escritor em algum momento-chave de sua vida.

Desejamos que você, caríssimo leitor, desfrute do prazer da leitura. Faça uma boa viagem!

SUMÁRIO

AMOR DE PERDIÇÃO

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO 11

PREFÁCIO DA QUINTA EDIÇÃO 13

INTRODUÇÃO 15

CAPÍTULO I 16

CAPÍTULO II 23

CAPÍTULO III 28

CAPÍTULO IV 34

CAPÍTULO V 39

CAPÍTULO VI 45

CAPÍTULO VII 53

CAPÍTULO VIII 62

CAPÍTULO IX 70

CAPÍTULO X 75

CAPÍTULO XI 85

CAPÍTULO XII 91

CAPÍTULO XIII 97

CAPÍTULO XIV 103

CAPÍTULO XV 108

CAPÍTULO XVI 114

CAPÍTULO XVII 120

CAPÍTULO XVIII 124

CAPÍTULO XIX 129

CAPÍTULO XX 134

CONCLUSÃO 139

DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO 147

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA 159

ENTREVISTA IMAGINÁRIA 165



AO
Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.
*ANTÔNIO MARIA DE FONTES PEREIRA DE MELO*¹
DEDICA
O AUTOR

¹ *Antônio Maria de Fontes Pereira de Melo* (1819-1887): foi um estadista português. As notas que foram compostas pelo próprio Camilo Castelo Branco vêm com a designação Nota do Autor (NA). As demais foram concebidas pelo Editor.



Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Há de pensar muita gente que V. Ex.^a não dá valor algum a este livro, que a minha gratidão lhe dedica, porque muita gente está persuadida que ministros do Estado não leem novelas. É um engano. Uma vez ouvi eu um colega de V. Ex.^a discorrer no parlamento acerca de caminhos de ferro. Com tanto engenho o fazia, de tantas flores matizara aquela matéria, que me deleitou ouvi-lo. Na noite desse dia, encontrei o colega de V. Ex.^a a ler “Fanny”², aquela “Fanny”, que sabia tanto de caminhos de ferro como eu.

Que V. Ex.^a tem romances na sua biblioteca, é convicção minha. Que lá tem alguns, que não leu, porque o tempo lhe falece, e outros porque não merecem tempo, também o creio. Dê V. Ex.^a, no lote dos segundos, um lugar a este livro, e terá assim V. Ex.^a significado que o recebe e aprecia, por levar em si o nome do mais agradecido e respeitador criado de V. Ex.^a.

9

*Na cadeia da Relação do Porto,
aos 24 de setembro de 1861.*

Camilo Castelo Branco

² Referência ao romance *Fanny*, do escritor francês Ernest Feydeau (1821-1873), traduzido por Camilo na prisão.

*Quem viu jamais vida amorosa, que não a visse afogada nas lágrimas
do desastre ou do arrependimento?*

D. Francisco Manuel, *Epanáfora amorosa*.

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Nas *Memórias do cárcere*, referindo-me ao romance que novamente se imprime, escrevi estas linhas:

“O romance escrito em seguimento daquele (*O romance dum homem rico*), foi o *Amor de perdição*. Desde menino, ouvia eu contar a triste história de meu tio paterno Simão Antônio Botelho. Minha tia, irmã dele, solicitada por minha curiosidade, estava sempre pronta a repetir o fato aligado à sua mocidade. Lembrou-me naturalmente, na cadeia, muitas vezes, meu tio, que ali deveria estar inscrito no livro das entradas no cárcere e no das saídas para o degredo. Folheei os livros desde os de 1800, e achei a notícia com pouca fadiga, e alvoroços de contentamento, como se em minha alçada estivesse adornar-lhe a memória como recompensa das suas trágicas e afrontosas dores em vida tão breve. Sabia eu que em casa de minha irmã estavam acantoados uns maços de papéis antigos, tendentes a esclarecer a nebulosa história de meu tio. Pedi aos contemporâneos que o conheceram notícias e miudezas, a fim de entrar de consciência naquele trabalho. Escrevi o romance em quinze dias, os mais atormentados de minha vida. Tão horrorizada tenho deles a memória, que nunca mais abrirei o *Amor de perdição*, nem lhe passarei a lima sobre os defeitos nas edições futuras, se é que não saíu tolhiço³ incorrigível da primeira. Não sei se lá digo que meu tio Simão chorava, e menos sei se o leitor chorou com ele. De mim lhe juro que...”

Vão passados quase dois anos, depois que protestei não mais abrir este romance. No decurso de dois anos tive de afrontar-me com uns infortúnios menos vulgares que a privação da liberdade, e esqueci o horror dos outros, a ponto de os recordar sem espanto, e simplesmente como fuzis indispensáveis nesta minha cadeia, em que já me vou retorcendo e saboreando com infernal deleitação. Abri o livro, como se o tivesse escrito nos dias mais festivos da minha mocidade; se bem que eu falo em dias de mocidade por me dizer a minha certidão de idade que eu já fui moço; que, no tocante às festas de juventude, estou agora esperando que elas venham no outono, e é de crer que venham, acamarradas como o reumatismo e gota.

Este livro, cujo êxito se me antolhava mau, quando eu o ia escrevendo, teve uma recepção de primazia sobre todos os seus

³ Tolhiço: monstruosidade.

irmãos. Movia-me à desconfiança o ser ele triste, sem interpolação de risos, sombrio, e rematado por catástrofe de confranger o ânimo dos leitores, que se interessam na boa sorte de uns, e no castigo de outros personagens. Em honra e louvor das pessoas que estimaram o meu livro, confessarei agradavelmente que julguei mal delas. Não aprovo a qualificação; mas a crítica escrita conformou-se com a opinião da maioria que antepõe o *Amor de perdição* ao *Romance dum homem rico* e às *Estrelas propícias*.

É grande parte neste favorável, embora insustentável juízo, a rapidez das peripécias, a derivação concisa do diálogo para os pontos essenciais do enredo, a ausência de divagações filosóficas, a lhaneza da linguagem e desartificio das locuções. Isto, enquanto a mim, não pode ser um merecimento absoluto. O romance que não se estribar em outras recomendações mais sólidas deve ter uma voga mui pouco duradoura.

Estou quase convencido de que o romance, tendendo a apelar da iníqua sentença que o condena a fulgir e apagar-se, tem de firmar sua duração em alguma espécie de utilidade, tal como o estudo da alma, ou a pureza do dizer. E dou mais pelo segundo merecimento; que a alma está sobejamente estudada e desvelada nas literaturas antigas, em nome e por amor das quais muita gente abomina o romance moderno, e jura morrer sem ter lido o melhor do mais apregoado autor. Dou-me por suspeito nesta questão. Graças a Deus, ainda não escrevi duas linhas a meu favor, nem sequer nas locais do jornalismo. Até escrupulizo em dizer que devem ler-se romances, não vão cuidar que eu recomendo os meus.

É certo que tenho querido imprimir em alguns de meus livros o cunho da utilidade com o valor da linguagem sã e ajeitada à expressão de ideias, que pareciam, como de feito eram, e não se nos deparam nos escritos dos Sousas, Lucenas e Bernardes. Em verdade, foi isto mirar muito longe com vista muito curta; assim mesmo, fiz o que pude; e neste livro direi que fiz menos do que podia. *Nos quinze atormentados dias* em que o escrevi, faleceu-me o vagar e contenção que requer o acepillar e brunir períodos. O que eu queria era afogar as horas, e afogar talvez a necessidade de vender o meu tempo, as minhas meditações silenciosas, e o direito de me espreguiçar como toda a gente, e o prazer ainda de ser tão lustroso na linguagem, quanto, em diversas circunstâncias, podia ser.

O que então não fiz, também agora o não faço, senão em pouquíssimo e muito de corrida. O livro agradou como está. Seria desacerto e ingratidão demudar sensivelmente, quer na essência, quer na compostura, o que, tal qual é, foi bem recebido.

PREFÁCIO DA QUINTA EDIÇÃO

Publiquei, há vinte e dois anos, o romance *Onde está a felicidade?* – Pouco depois, Alexandre Herculano, republicando as *Lendas e narrativas*, escrevia na *Advertência*: “... Nestes quinze ou vinte anos, criou-se uma literatura, e pode dizer-se que não há ano que não lhe traga um progresso. Desde as *Lendas e narrativas* até o livro *Onde está a felicidade?*⁴ que vasto espaço transposto!”

Se comparo o *Amor de perdição*, cuja 5ª edição me parece um êxito fenomenal e extralusitano, com *O crime do padre Amaro* e *O primo Basílio*, confesso, voluntariamente resignado, que para o esplendor destes dois livros foi preciso que a Arte se atviasse dos primores lavrados no transcurso de dezesseis anos. O *Amor de perdição*, visto à luz elétrica do criticismo moderno, é um romance romântico, declamatório, com bastantes aleijões líricos, e umas ideias celeradas que chegam a tocar no desaforo do sentimentalismo. Eu não cessarei de dizer mal desta novela, que tem a boçal inocência de não devassar alcovas, a fim de que as senhoras a possam ler nas salas, em presença de suas filhas ou de suas mães, e não precisem de esconder-se com o livro no seu quarto de banho. Dizem, porém, que o *Amor de perdição* fez chorar. Mau foi isso. Mas agora, como indenização, faz rir: tornou-se cômico pela seriedade antiga, pelo raposinho que lhe deixou o ranço das velhas histórias do Trancoso⁵ e do padre Teodoro de Almeida⁶.

E por isso mesmo se reimprime. O bom senso público relê isto, compara com aquilo, e vinga-se barrufando com frouxos de riso realista as páginas que há dez anos aljofarava com lágrimas românticas.

Faz-me tristeza pensar que eu floresci nesta futilidade da novela quando as dores da alma podiam ser descritas sem grande desaire da gramática e da decência. Usava-se então a retórica de preferência ao calão. O escritor antepunha a frequência de Quintiliano

⁴ O escritor português Alexandre Herculano (1810-1877) refere-se ao romance *Onde está a felicidade?* (1856), de Camilo Castelo Branco, considerando-o um marco na literatura.

⁵ Gonçalo Fernandes Trancoso (séc. XVI): contista popular português.

⁶ Padre Teodoro de Almeida (1722-1804): filósofo, poeta e autor de obras de Filosofia e religião.

à do *Colete-encarnado*⁷. A gente imaginava que os alouces não abriam gabinetes de leitura e artes correlativas. Ai! Quem me dera ter antes desabrochado hoje com os punhos arregaçados para espremer o pus de muitas escrôfulas à face do leitor! Naquele tempo, enflorava-se a pústula; agora, a carne com vareja pendura-se na escápula e vende-se bem, porque muita gente não desgosta de se narcisar num espelho fiel.

Pois que estou a dobrar o cabo tormentório da morte, já não verei onde vai desaguar este enxurro que rola no bojo a Ideia Novíssima⁸. Como a honestidade é a alma da vida civil, e o decoro é o nó dos liames que atam a sociedade, lembra-me se vergonha e sociedade ruirão ao mesmo tempo por efeito de uma grande evolução rigolboche⁹. A lógica diz isto; mas a Providência, que usa mais da metafísica que da lógica, provavelmente fará outra coisa. Se, por virtude da metempsicose, eu reaparecer na sociedade do século XXI, talvez me regozije de ver outra vez as lágrimas em moda nos braços da retórica, e esta 5ª edição do *Amor de perdição* quase esgotada.

São Miguel de Ceide, 8 de fevereiro de 1879.
Camilo Castelo Branco

⁷O autor contrapõe a arte de escrever, como está presente no latino Quintiliano (séc. I), à linguagem vulgar usada pela plebe (*Colete-encarnado*). Trata-se de uma crítica aos escritores realistas.

⁸*Ideia Nova*: movimento que defendia uma reformulação da vida intelectual e política de Portugal, e que acabou se confundindo com o Realismo. Camilo combatia ambos desde 1874.

⁹Referência à crueza com que os realistas denunciavam os podres da sociedade, criticada por Camilo.

INTRODUÇÃO

Folheando os livros de antigos assentamentos, no cartório das cadeias da Relação do Porto, li, no das entradas dos presos desde 1803 a 1805, a folhas 232, o seguinte:

Simão Antônio Botelho, que assim disse chamar-se, ser solteiro, e estudante na Universidade de Coimbra, natural da cidade de Lisboa, e assistente na ocasião de sua prisão na cidade de Viseu, idade de dezoito anos, filho de Domingos José Correia Botelho e de D. Rita Preciosa Caldeirão Castelo Branco; estatura ordinária, cara redonda, olhos castanhos, cabelo e barba preta, vestido com jaqueta de baetão azul, colete de fustão pintado e calça de pano pedrês. E fiz este assento, que assinei – Filipe Moreira Dias.

À margem esquerda deste assento está escrito:

Foi para a Índia em 17 de março de 1807.

Não seria fiar demasiadamente na sensibilidade do leitor, se cuido que o degredo de um moço de dezoito anos lhe há de fazer dó.

Dezoito anos! O arrebol dourado e escarlate da manhã da vida! As louçanias do coração que ainda não sonha em frutos, e todo se embalsama no perfume das flores! Dezoito anos! O amor daquela idade! A passagem do seio da família, dos braços de mãe, dos beijos das irmãs para as carícias mais doces da virgem, que se lhe abre ao lado como flor da mesma sazão e dos mesmos aromas, e à mesma hora da vida! Dezoito anos!... E degredado da pátria, do amor e da família! Nunca mais o céu de Portugal, nem liberdade, nem irmãos, nem mãe, nem reabilitação, nem dignidade, nem um amigo!... É triste!

O leitor decerto se compungia; e a leitora, se lhe dissessem em menos de uma linha a história daqueles dezoito anos, choraria!

Amou, perdeu-se, e morreu amando.

É a história. E história assim poderá ouvi-la a olhos enxutos a mulher, a criatura mais bem formada das branduras da piedade, a que por vezes traz consigo do céu um reflexo da divina misericórdia; essa, a minha leitora, a carinhosa amiga de todos os infelizes, não choraria se lhe dissessem que o pobre moço perdera honra, reabilitação, pátria, liberdade, irmãs, mãe, vida, tudo, por amor da primeira mulher que o despertou do seu dormir de inocentes desejos?!

Chorava, chorava! Assim eu lhe soubesse dizer o doloroso sobressalto que me causaram aquelas linhas, de propósito procuradas, e lidas com amargura e respeito e, ao mesmo tempo, ódio. Ódio, sim... A tempo verão se é perdoável o ódio, ou se antes me não fora melhor abrir mão desde já de uma história que me pode acarear enojos dos frios julgadores do coração, e das sentenças que eu aqui lavar contra a falsa virtude de homens, feitos bárbaros, em nome da sua honra.

CAPÍTULO I

Domingos José Correa Botelho de Mesquita e Meneses, fidalgo de linhagem e um dos mais antigos solarengos de Vila Real de Trás-os-Montes, era, em 1779, juiz de fora de Cascais, e nesse mesmo ano casara com uma dama do paço, D. Rita Teresa Margarida Preciosa da Veiga Caldeirão Castelo Branco, filha dum capitão de cavalos, neta de outro, Antônio de Azevedo Castelo Branco Pereira da Silva, tão notável por sua jerarquia, como por um, naquele tempo, precioso livro acerca da Arte de Guerra.

Dez anos de enamorado, mal-sucedido, consumira em Lisboa o bacharel provinciano. Para fazer-se amar da formosa dama de D. Maria I^o minguavam-lhe dotes físicos: Domingos Botelho era extremamente feio. Para se inculcar como partido conveniente a uma filha segunda, faltavam-lhe bens de fortuna: os haveres dele não excediam a trinta mil cruzados em propriedades no Douro. Os dotes de espírito não o recomendavam também: era alcançadíssimo de inteligência, e granjeara entre os seus condiscípulos da Universidade o epíteto de “brocas”, com que ainda hoje os seus descendentes em Vila Real são conhecidos. Bem ou mal derivado, o epíteto *Brocas* vem de *broa*. Entenderam os acadêmicos que a rudeza do seu condiscípulo procedia de muito pão de milho que ele digerira na sua terra.

Domingos Botelho devia ter uma vocação qualquer, e tinha: era excelente flautista; foi a primeira flauta do seu tempo; e a tocar flauta se sustentou dois anos em Coimbra, durante os quais seu pai lhe suspendeu as mesadas, porque os rendimentos da casa não bastavam a livrar outro filho de um crime de morte¹⁰.

¹⁰D. Maria I (1734-1816): rainha de Portugal, casada com D. Pedro III.

¹¹Há vinte anos que eu ouvi de um coevo do fato a história do assassinio, assim contada: Era em quinta-feira santa. Marcos Botelho, irmão de Domingos, estava na festa de Endoenças, em São Francisco, defrontando com uma dama, namorada sua, e desleal dama que ela era. Noutro ponto da igreja estava, apontando em olhos e coração à mesma mulher, um alferes de infantaria. Marcos enfreou o seu ciúme até ao final do ofício da Paixão. À saída do templo encarou no militar, e provocou-o. O alferes tirou da espada, e o fidalgo do espadim. Terçaram as armas longo tempo sem desaire, nem sangue. Amigos de ambos tinham conseguido aplacá-los, quando Luís Botelho, outro irmão de Marcos, desfechou uma clavina no peito do alferes, e ali, à entrada da “Rua do Jogo da Bola”, o derribou morto. O homicida foi livre por graça régia (NA).